

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

**REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA MÍDIA: A IMPORTÂNCIA DO
LETRAMENTO RACIAL PARA AULAS DE INGLÊS**

SÃO CRISTÓVÃO

2020

ANNE CAROLAYNE RAMIRO DOS SANTOS

REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA MÍDIA: A importância do letramento racial para aulas de inglês

Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II), apresentado ao curso de Letras Português-Inglês da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Letras Português-Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Karina de O. Nascimento

SÃO CRISTÓVÃO

2020

REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA MÍDIA: A importância do letramento racial para aulas de inglês¹

Resumo: Devido à grande quantidade de informações que a mídia veicula a todo o momento, dentre elas imagens, vídeos e textos verbais, muitas pessoas não param para analisar o que esses textos representam. Destacam-se as propagandas com personagens negros, que passam despercebidos por muitos que entendem a imagem como um elemento “neutro”. Desse modo, o presente artigo trata sobre a importância de analisar as imagens veiculadas pela mídia e de trabalhar questões de raça e etnia nas aulas de língua inglesa. Ainda neste trabalho, busca-se mostrar o impacto de algumas propagandas que representam o negro como inferior em alunos do ensino fundamental e médio em uma escola estadual no município de São Cristóvão, Sergipe. Neste trabalho, tomo como base ideias sobre o letramento visual (MIZAN, 2007, 2014, 2018, 2019; FERRAZ, 2012), o letramento racial (ALMEIDA, 2017; FERREIRA, 2017, 2018) e a educação linguística crítica (AUGUSTO DE SOUZA, 2018; FERREIRA, 2018), entre outros. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa da qual esse texto é resultante é caracterizada como uma pesquisa qualitativa de cunho interpretativista (PAIVA, 2019). A coleta de dados ocorreu por meio da realização de atividades com alunos do 6º ano do ensino fundamental e 2º ano do ensino médio de uma escola pública, em que eles puderam expressar suas opiniões sobre a temática de raça e etnia, por intermédio da análise de propagandas e de um trabalho escrito final. As atividades promoveram reflexões acerca do tema e possibilitaram a percepção da importância de trabalhar essas temáticas nas aulas de língua inglesa, pois a língua é uma ferramenta por meio da qual podemos promover a igualdade racial e eliminar formas de discriminação e opressão (FERREIRA, 2017).

Palavras-chave: Letramento racial. Aula de inglês. Representação do negro. Mídia.

¹ Anne Carolayne Ramiro dos Santos, graduanda do curso de Letras Português- Inglês da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: annecarolayneramiro@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A mídia emprega diversas imagens de acordo com o propósito que tem. Ainda, tem como objetivo principal, comercialmente, convencer as pessoas a comprarem certos produtos, não levando em consideração apenas o texto escrito, mas, e, principalmente, utilizando as imagens. Segundo Mizan (2014, p. 275), “A foto, apesar de passar noções de neutralidade e imparcialidade, é, na realidade, uma construção que depende dos interesses e da ideologia do criador dela.” Infelizmente, vivemos em um tempo em que muitas notícias são divulgadas ao mesmo tempo, propagandas são lançadas e muitas pessoas não param para questionar o que a mídia veicula e qual o propósito no contexto em que está inserida, o que o letramento visual tem como objetivo, pois:

É uma das áreas que propõe uma educação crítica por meio das imagens. Muitos teóricos afirmam que a importância dos estudos visuais está no fato de que as imagens não são meras representações da realidade social (visão linear onde a imagem x significa y), mas que elas constroem significados e, como tal desempenham um papel crucial em todas as esferas sociais, incluindo os contextos educativos. (FERRAZ, 2012, p. 265).

O letramento visual, portanto, trabalha com a ideia de que imagens “constroem significados”, o que acontece na representação do negro na mídia. Os negros sempre foram representados como “inferiores, objetos e desumanos” (MELO, 2019), mostrando assim, que as imagens não são neutras e que a escola tem, como um de seus papéis, ajudar os estudantes a entender isso.

Tendo como ideia tal representação, uma área de estudo atual, mas com a temática que persiste há anos, é o letramento racial que “remete à racialização das relações, ou seja, ao estabelecimento arbitrário de direitos e lugares hierarquicamente diferentes para brancos e não-brancos, que legitima uma pretensa supremacia do branco.” (ALMEIDA, 2017, n. p.). Além disso, Troyna e Carrington (1990) citados por Ferreira (2017) destacam a ‘educação antirracista’ que diz respeito a práticas e estratégias utilizadas com o intuito de promover a igualdade de raça e discutir sobre as relações raciais nos espaços escolares.

Ainda, levando em consideração as ideias de Ferreira (2018), é válido ressaltar que muitos professores e professoras hoje em dia ainda pensam que ensinar Língua Inglesa é fazer os alunos apenas falarem, ouvirem, lerem e escreverem na língua que estão aprendendo, sem questionar o que está sendo aprendido (lido, falado, ouvido, escrito). Pensando assim, trabalhar com o letramento racial crítico em aulas de inglês é trabalhar com temáticas que são relevantes para a sociedade, pois aprender uma língua, nesse caso, a língua inglesa, é “entender que o outro, primeiro, tem necessidades diversas e que precisa ser entendido [...]

enquanto a língua inglesa é negociada, discutida, refletida e aprendida” (FERREIRA, 2018, p. 45-46).

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o modo como o letramento racial pode adentrar as aulas de Língua Inglesa por meio da utilização de propagandas televisivas em uma escola pública no município de São Cristóvão, estado de Sergipe. Para alcançar esse objetivo, foram traçados os seguintes objetivos específicos: analisar propagandas racistas atuais e compará-las com antigas, percebendo que as imagens não são neutras; pelo contrário, carregam diversos significados; verificar a reação dos alunos diante de tais propagandas; aprofundar estudos sobre letramento racial; problematizar as propagandas apresentadas pela mídia, analisando como o negro é representado em cada uma delas; e, por fim, investigar de que maneira temas como racismo e preconceito podem ser combatidos por meio da linguagem, mais especificamente, por meio da educação linguística crítica em língua inglesa.

Portanto, escolhi este tema por causa da sua importância para a sociedade, acima de tudo para os alunos da escola pública, pois pode levá-los a olhar o que é divulgado na mídia, principalmente as propagandas, e, possivelmente, fazer releituras a partir de suas experiências de vida em sociedade. Ainda, por se tratar de questões identitárias e preconceitos sofridos pelos negros até os dias de hoje, o que, muitas vezes, não é levado em consideração nas disciplinas, especialmente nas de línguas estrangeiras. Um exemplo é a minha experiência como estudante de língua inglesa, pois os assuntos que eu estudei não me levaram a refletir sobre o meu papel na sociedade ou mesmo ajudaram-me a pensar sobre questões identitárias, o que seria de grande valia por eu ser uma das poucas negras em sala de aula e ser uma menina que demorou a aceitar quem realmente sou, negra. Assim, estudar língua inglesa pelo viés do letramento racial e através do gênero textual propaganda tão presente na sociedade poderia me fazer crescer com um pensamento diferente em relação à mídia e à representação do negro na mesma.

REFERENCIAL TEÓRICO

Por meio da mídia, muitos materiais são veiculados, sejam eles imagens, vídeos, músicas e outros, que muitas vezes naturalizam questões que rebaixam, principalmente, grupos subalternos, que continuam com “ausência do poder da fala” (MIZAN, 2015, p. 276). Além disso, muitas imagens propagadas pela mídia, principalmente as propagandas televisivas, generalizam comportamentos e hábitos e isso acaba influenciando os

telespectadores, fazendo com que os mesmos repitam tais discursos e olhem de forma diferenciada para as pessoas que estão ali representadas.

Um exemplo disso é como os negros têm sido representados ao longo dos anos, sendo no século XIX como escravos e pessoas não favorecidas pela sociedade. Isso porque teve influência direta da escravidão, que se perpetua e influencia discursos até hoje. Melo (2019) cita seu trabalho de análise de anúncios de comercialização de escravos e é interessante que a autora mostra que nos anúncios do século XIX são apresentadas muitas vendas e aluguéis de escravos. Entretanto, o que me chama atenção é que mesmo no século XXI, mais precisamente, em 2016, a autora encontrou anúncios de venda de escravos no Mercado Livre², o que nos faz perceber que mesmo não sendo uma venda real, é uma atitude racista, pois “gera relações doentias entre as pessoas e acarreta impactos perversos na população negra: baixa autoestima, sentimento de inferioridade e de rejeição, ódio ao próprio corpo negro [...]” (OLIVEIRA, 2019, p. 224).

Levando em consideração a importância do combate ao racismo nos ambientes escolares, a educação antirracista, que de acordo com Dei (1996), citado por Ferreira (2017), iniciou-se na Grã-Bretanha antes de emergir no Canadá, na Austrália e nos Estados Unidos, tem sido importante para o trabalho de justiça social, igualdade racial/étnica e assuntos relacionados à exclusão de alunos negros nas escolas e outros ambientes sociais. Para esclarecer, podemos dizer que segundo Gilborn (1995 *apud* FERREIRA, 2017), a educação antirracista precisa do comprometimento de todas as pessoas envolvidas porque uma de suas características é “repudiar qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuidar para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negros e brancos sejam respeitadas” (CAVALLEIRO, 2001, p. 158 *apud* FERREIRA, 2017, p. 18).

Levando em consideração o que foi dito anteriormente, é preciso destacar que mesmo sendo necessário o trabalho relacionado à luta contra o racismo, temos visto que o negro apenas é lembrado no dia da consciência negra ou quando a mídia mostra algum tipo de violência sofrida pelo mesmo. Pensando nisso, o letramento racial, que segundo Almeida (2017) é um conceito que nos leva a refletir sobre o lugar do negro na sociedade e, principalmente, está relacionado com a desconstrução de práticas que estão naturalizadas, voltadas a um pensamento eurocêntrico, é um estudo recente, mas que traz uma temática e luta por uma questão que perdura há anos.

² O Mercado Libre (ou Mercado Livre) é uma empresa especializada no setor de comércio eletrônico com sede em Buenos Aires, na Argentina, fundada em 1999 por Marcos Galperin. Atualmente, a companhia opera em 19 países, tais como: Brasil, Argentina, Portugal, Colômbia, Costa Rica, Paraguai, Uruguai, Venezuela, entre outros.

Portanto, essa temática sobre preconceito racial é pertinente e deve ser ensinada em todas as matérias, não deixando apenas para o professor de História ou uma data específica. Ferreira (2018), pensando na importância disso para a sociedade e para a área de estudos de letramento racial, destaca que a educação linguística crítica nos ajuda a refletir sobre as questões sociais e sobre as identidades dos nossos alunos, fazendo-nos entender que ao ensinar inglês ou outras línguas, estamos lidando com pessoas e necessita-se urgentemente trabalhar com a realidade deles para que, assim, o inglês se torne útil para o aluno. Mizan (2018) também discute sobre educação linguística crítica, e, por trabalhar com o letramento visual ressalta que aquela “permite a inclusão de discursos sistematicamente excluídos das salas de aula e, por isso, proporciona uma mudança ou ampliação de perspectivas” (p. 239), o que é preciso ser feito para tratar questões de raça e outros assuntos tão pertinentes nos ambientes escolares e que podem ser trabalhados facilmente nas aulas de língua inglesa. Ainda, levando em consideração a educação linguística crítica, Augusto de Souza (2018) fala da importância de entendermos e fazermos o aluno compreender o porquê de lermos uma imagem de determinada forma, ao invés de tentar descobrir o que o autor ou o criador de determinada propaganda ou filme quis dizer, pois somos construtores de significados, não apenas receptores, como diria Freire (2011).

Levando essas questões em consideração, Ferreira (2018) e outros autores trabalham com a educação linguística crítica, que nos faz refletir e nos ajuda a desconstruir discursos que estão naturalizados na sociedade, sendo eles: racistas, machistas, homofóbicos, classistas, entre outros. Ainda, esse tipo de educação nos faz observar as práticas que ocorrem em nosso cotidiano e no ambiente escolar, e, através disso podemos buscar transformação (construção e reconstrução das práticas) através da linguagem. Nisso, podemos perceber que o ensino de língua inglesa pode proporcionar chances para entender e trabalhar essas questões, pois a mesma é “negociada, discutida, refletida e aprendida” (FERREIRA, 2018, p. 46).

METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa é do tipo etnográfica, que, segundo Telles (2002), é utilizada para tentar entender o comportamento e as relações entre as pessoas que vivem dentro de um mesmo contexto social, nesse caso, os alunos da escola pública. Ainda sobre isso, Paiva (2019, p. 79) ressalta que esse tipo de pesquisa “tem origem nos estudos da antropologia cultural e foi apropriado pela linguística aplicada, tendo como foco ‘questões culturais relacionadas à imagem’ (PERRY JR., 2017, p. 82)”.

De acordo com as fontes de informação, a pesquisa é do tipo experimental, que segundo Gonçalves (2003, p. 66 *apud* FERREIRA, 2017, p.14) “se refere a um fenômeno que é produzido de forma controlada, submetendo os fatos à experimentação (verificação), buscando, a partir daí, evidenciar as relações entre os fatos e as teorias”, pois através de perguntas direcionadas, as respostas serão analisadas de acordo com pesquisas relacionadas à educação antirracista (FERREIRA, 2017) e letramento visual na mídia (FERRAZ, 2012; MIZAN, 2007, 2014, 2018).

O presente estudo foi realizado em um colégio estadual, localizado em São Cristóvão, no estado de Sergipe, o qual recebe estudantes da própria comunidade e áreas circunvizinhas e contou com a participação de 15 alunos do ensino fundamental e 16 alunos do ensino médio. O instrumento de coleta de dados utilizado foi a observação participante e o diário de campo da pesquisadora, abordando o tema em questão.

A observação participante e o diário de campo foram construídos a partir da regência de aulas no ensino fundamental e médio sobre a representação do negro na mídia, principalmente em propagandas televisivas do século XIX e do século XXI, com o objetivo de analisar o modo como o letramento racial pode adentrar as aulas de Língua Inglesa e, para isso, foi proposta uma comparação entre ambas na tentativa de identificar o impacto dessas propagandas nos alunos de diferentes idades.

Por fim, é válido ressaltar que a pesquisa foi do tipo qualitativa interpretativista, uma vez que esta:

Acontece no mundo real com o propósito de ‘compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas’ (FLICK, 2007, p. ix). Tais formas incluem análise de experiências individuais ou coletivas, de interações, de documentos (textos, imagens, filmes ou músicas), etc. Esse tipo de pesquisa é também chamado de pesquisa interpretativa ou naturalística. (PAIVA, 2019, p. 13).

Nesse sentido, na pesquisa serão analisadas as interpretações feitas pelos próprios alunos no ambiente escolar, levando em consideração o comportamento de cada um diante da temática em questão e o discurso pronunciado por eles, analisando, assim, o quanto a mídia influencia e naturaliza questões relacionadas a raça e etnia, o que nos leva a pensar no que podemos fazer diante dessa situação.

ANÁLISE DE DADOS

Como já mencionado anteriormente, o estudo em questão contou com a participação de estudantes do ensino fundamental e ensino médio de uma escola pública da cidade de São

Cristóvão, com o objetivo de analisar o modo como o letramento racial pode adentrar as aulas de Língua Inglesa por meio da utilização de propagandas televisivas. Para isso, trabalhei, na função de estagiária da disciplina de inglês e pesquisadora, com propagandas que são veiculadas pela mídia diariamente para provocar nos alunos a reflexão acerca da não neutralidade da mídia, de modo que as imagens utilizadas não são escolhidas de forma aleatória. Assim como ressalta Mizan (2014, p. 272) “aprender a interpretar imagens se torna um meio importante para entender a realidade social”.

Uma das turmas em questão foi o 6º D, composta por alunos de idades entre 11 e 16 anos. As aulas eram divididas, uma era no terceiro horário e a outra no quarto. Após o intervalo, os alunos estavam mais agitados e conversavam bastante, o que era influenciado também pelo ambiente quente da sala e o barulho que vinha de fora, pois a porta ficava aberta e a acústica da sala era ruim.

O assunto dessa primeira aula, seguindo o cronograma da professora regente da disciplina da escola, minha supervisora de estágio, foi “*there to be*”. Para isso, tentei fazer com que os alunos descobrissem por eles mesmos o sentido de “*there to be*” através da frase “*There is one person in this classroom*” e “*There are eight people in this classroom*”. Alguns deles conseguiram, mas a maior dificuldade deles era diferenciar singular de plural, pois eles não sabiam a diferença. Após isso, coloquei o assunto no quadro e eles copiaram. Na aula após o intervalo, dividi a turma em grupos (alguns alunos não queriam trabalhar em grupo, então a professora regente, que estava na sala, falou que valia ponto) e entreguei a eles as propagandas que vão ser apresentadas abaixo.

Já no dia 25 de novembro de 2019, lecionei na mesma escola, desta vez no 2º ano do ensino médio, um grupo de mais ou menos 16 alunos com idades entre 16 e 18 anos. A sala estava quente, o que influenciava no comportamento dos alunos que estavam um pouco agitados. Para iniciar a aula, escrevi no quadro a palavra “*advertisement*” com o intuito de saber se os alunos conheciam aquela palavra; infelizmente, nenhum aluno sabia; por fim, falei o significado e continuei fazendo perguntas tais como: “qual o objetivo de uma propaganda?”. Muitos não sabiam, então, dei um exemplo da venda de um carro e fui perguntando: “Para vender um carro, o vendedor falará das qualidades ou defeitos? Vai tentar convencer o público-alvo ou não?”. Após esse *warm up*, pedi para os alunos formarem grupos de quatro pessoas. O interessante nesse momento foi que apenas uma menina ficou sozinha. Então pedi para ela se dirigir a algum grupo. Foi nesse instante que a aluna Bárbara³ falou: “Professora, o

³ Todos os nomes adotados ao longo do artigo são fictícios, de forma a garantir o anonimato dos participantes.

professor [regente dessa turma] a deixa fazer as atividades sozinha porque ela é muito boa em inglês”. Assim, falei para ela ir para um grupo para, então, ajudar os seus colegas. Mesmo sem querer, a estudante foi e participou da discussão, ajudando com exemplos que ela pesquisava na internet, fazendo uso do seu celular, o que era permitido naquele contexto. Após a divisão dos grupos, entreguei duas propagandas por grupo e, nesse momento, o aluno Flávio comentou: “Que organizada, professora. A senhora já pode substituir o professor”. Fiquei um pouco constrangida, já que o professor estava presente e poderia ter ouvido o comentário, e continuei a entregar e fui passando nos grupos para ouvir e discutir com eles as imagens que abaixo serão comentadas em comparação ao 6º ano, visto que em ambas as turmas as mesmas propagandas seguidas dos mesmos questionamentos foram trabalhadas.



Figura 1

Fonte: <https://f.i.uol.com.br/fotografia/2019/06/14/15605490945d0416e6df49a_1560549094_3x2_xl.jpg>.
Acesso em: 12 ago. 2019.

Nessa propaganda acima, como em outras, nenhum aluno conseguiu inicialmente ver racismo, nem os alunos do ensino fundamental, nem do ensino médio. Após eu pedir para eles olharem as cores, prestarem atenção nos detalhes, foi que alguns do ensino fundamental perceberam a mão branca, mas não conseguiram relacionar a nada. Diferentemente dos alunos do 2º ano, que, ao perceber, um dos alunos falou: “Aqui é para dizer que o negro não tem potencial para entrar em uma universidade”. Em outro grupo foi muito interessante a reação dos discentes quando perceberam a mão branca: “Pesado, professora” e a aluna Aline questionou: “Por que negro não pode chegar na universidade?”. Este questionamento é importante para entendermos as relações de poder que existem na sociedade, onde o racismo estrutural existe (OLIVEIRA, 2019), pois negros continuam sendo tratados como inferiores em muitas situações; o que leva algumas pessoas negras a considerarem o racismo impossível de combater. Assim como Mário, um dos alunos do ensino médio, muitas pessoas negras acreditam que o preconceito racial não pode ser combatido, o que é um retrocesso, pois precisamos lutar e mostrar que o Brasil mesmo tendo sido último país do continente americano a abolir a escravidão, não será o último a libertar de verdade o povo negro. Nesse

sentido, questionamentos como os de Aline podem deixar de ser repetidos. Para isso, a educação antirracista deve adentrar as salas de aula com o objetivo de “incluir palavras como ‘racismo’, ‘igualdade de direitos humanos’, ‘justiça’, ‘estrutura’ e ‘poder’, podendo-se com isso ‘desmontar, decompor, reconstruir’” (BRANT, 1986, p. 121 *apud* FERREIRA, 2017, p. 16-17).



Figura 2

Fonte: <https://miro.medium.com/max/600/1*atvO97WpxnXiFzvf2RYOTg.jpeg>. Acesso em: 10 ago. 2019.

Na propaganda presente na figura 2, os alunos do 6º ano não conseguiram ver racismo, nem se espantaram ao ver tal imagem. O aluno Alberto comentou: “o menino tá sujo de tinta preta e o outro tá tirando a sujeira dele”. Outro discente também comentou: “Então, estamos todos sujos e precisamos tomar banho”. Assim, perguntei se eles concordavam com tais interpretações, pois como afirma Souza (2011, p.132 *apud* PACHECO DE SOUZA, 2019, p. 216) “tanto o autor quanto o leitor são produtores de significação a partir de seus valores e ideologias vindos da comunidade a qual pertencem”, ou seja, não há uma interpretação correta, pois dependerá das experiências de cada um. Os alunos responderam que não concordavam, pois negro não é sujo. Em contrapartida, no 2º ano, os alunos perceberam rapidamente a propaganda como racista e se espantaram. Alguns deles comentaram ironicamente: “Então, a gente tá precisando tomar um banho para sair essa cor”. Outra aluna comentou: “Parece que ele fica feliz ao tirar a cor”. Imediatamente uma aluna branca disse: “Como se branco prestasse. Da última vez que eu ouvi isso um monte de gente foi morta na câmara de gás.” O comentário desta aluna é pertinente e nos faz pensar até que ponto um grupo de pessoas com determinado preconceito pode chegar. É por essas razões que Melo (2019, p. 256) aponta a importância de questionarmos as naturalizações que são feitas, retratando brancos como superiores e negros como inferiores. Sujeira foi a palavra que eles conseguiram relacionar a negro de acordo com a propaganda. Já a aluna Marina comentou que muitas vezes o racismo é escondido, especialmente em público.

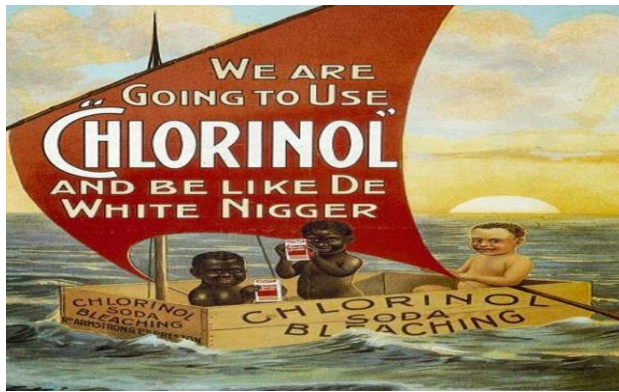


Figura 3

Fonte: <https://live.staticflickr.com/3672/9684419215_0471f171b3_z.jpg>. Acesso em: 14 ago.2019.

Nenhum dos alunos do 6º ano viu racismo na propaganda apresentada na figura 3 e a aluna Jéssica falou: “Isso não é uma propaganda”. Então, questioneei a aluna sobre a afirmação por ela feita e a mesma me respondeu que ali não era uma propaganda porque não parecia real, mas nem ela nem os demais estudantes souberam me explicar o porquê. Li o que está escrito, mesmo assim, os estudantes não conseguiram ver nenhum tipo de racismo. No 2º ano do ensino médio, em um dos grupos, as ideias foram bem divergentes. Primeiramente, eles não sabiam o que significava “*Chlorinol*”, ao saber, alguns deles falaram que havia racismo por parte do fabricante e questionaram: “Por que tem que ficar branco?” Um dos alunos falou: “Não é tanto racismo nessa propaganda. O fabricante apenas fez esse produto para ser usado por pessoas claras e pessoas negras. Às vezes não teve nem preconceito.” Os outros concordaram que poderia ser também essa ideia. Nesse ponto, podemos perceber que houve um respeito à opinião do outro e a diferença de interpretações se dá pelo fato dos alunos experienciarem ambientes sociais diferentes, pois como afirma Mizan (2007, p.163): “O efeito de cada imagem é sem dúvida determinado pelo contexto verbal em que está inserida”⁴ e também o contexto social em que a pessoa está inserida. Após isso, os discentes comentaram situações de racismo recentes, tais como a que ocorreu com o jogador de futebol Daniel Alves que “levou na esportiva” quando jogaram banana no campo e ele a descascou e comeu; ao passo que já houve jogadores que, ao se chatearam, saíram chorando do campo.

⁴ “The effect of each image is undoubtedly determined by the verbal context in which it is inserted”.



Figura 4

Fonte: <<https://abril exame.files.wordpress.com/2017/10/dove.jpg>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

As reações para essa propaganda apresentada na figura 4 foram interessantes, pois o aluno Pedro comentou: “O sabonete Dove é bom porque tira toda a sujeira”. Ao comentar isso, o aluno não percebeu que a mulher negra se tornou branca e que a fala dele, independentemente do que ele pensou, carrega muito preconceito para quem o ouve, pois é uma ideia construída socialmente, assim como aspectos pejorativos relacionados à cor negra (FERRERA, 2017). É válido ressaltar que um dos alunos deu a mesma explicação que a Dove ao criar essa propaganda. Maurício falou: “Essa propaganda é para mostrar que o sabonete pode ser usado por qualquer pessoa”. O aluno Carlos falou algo bem racista: “A Dove é para brancos e o limão é para negro porque o limão é mais barato”. Porém, é válido ressaltar que inicialmente nenhum aluno do 6º ano conseguiu perceber racismo ou algum tipo de preconceito na propaganda. Em contrapartida, alguns alunos do 2º ano A do ensino médio perceberam rapidamente, mas outros não. Ao ver a propaganda, Marina falou: “É para mostrar que o negro transpira mais”. Ela comentou isso pelo fato da mulher negra estar tirando a blusa. Outra aluna explicou: “Aí é para tirar a sujeira da cara dela”. Imediatamente, Sophia disse: “Eu não concordo. Porque é negro não quer dizer que é sujo”. Em outro grupo uma menina negra disse não ter entendido a propaganda, então a colega respondeu: “Você tem a mente muito fechada”. Essa fala foi muito interessante, pois mostra a indignação da menina ao ver que sua amiga não conseguiu enxergar um preconceito que muitas pessoas negras sofrem todos os dias, muitas vezes, sem que isso seja percebido, através de propagandas, filmes, novelas e discursos. Assim como “o contexto onde as imagens se encontram é de suma importância, pois diferentes contextos atribuem diferentes significados às imagens” (MIZAN, 2014, p. 272), também o contexto onde as pessoas vivem influencia diretamente na atribuição de significados que os mesmos dão às imagens.

Pode-se concluir que os alunos do 6º D dessa escola não perceberam racismo ao se depararem com as seis propagandas apresentadas, o que revela muito acerca de como eles

enxergam o mundo que os cerca. Diante de tais falas, é válido dizer que propagandas e diversas imagens veiculadas pela mídia são vistas de forma naturalizada, não apenas pelos discentes participantes desta pesquisa, mas arrisco dizer que também por boa parte dos brasileiros. O racismo encontra-se tão naturalizado que piadinhas de mal gosto, imagens e palavras são ditas e vistas como se não ofendessem negros.

Por outro lado, a maioria dos alunos do 2º ano conseguiu perceber o racismo nas seis propagandas apresentadas, embora tenha havido alguns que não perceberam e foram repreendidos pelos colegas. Percebi também que brincadeiras racistas não são consideradas por eles como “racistas”, pois são brincadeiras. Destaco um comentário de um dos discentes que foi marcante: “Tem muita gente que queria ficar branco por causa dos padrões da sociedade, principalmente antigamente, hoje, menos.” Essa fala retrata a influência dos discursos sobre padrões, em que a maioria das pessoas quer ser aceita, nem que para isso precise deixar de ser quem é, abandonando a etnia a que pertencem.

Outro ponto a ser destacado é a busca pelo certo ou errado. Isso se evidencia muito bem nessas aulas, pois a todo o momento os alunos perguntavam se estavam certos em suas falas. Assim, a aprovação do professor é muito importante para eles.

Foi perceptível também que os alunos não concordam com o racismo, nem suas manifestações, mas os mesmos, em sua maioria, não conseguem perceber isso no seu dia a dia, possivelmente nos filmes e novelas que assistem e nas propagandas televisivas, o que nos faz pensar que o racismo é construído e quanto mais cedo preparamos nossos alunos a questionarem o que está sendo mostrado a eles, mais fácil será trabalharmos temas como esse e mostrar às pessoas que elas têm voz e seu espaço na sociedade para combater o racismo e outras formas de discriminação. Para isso, é importante que o letramento racial adentre as salas de aula com o intuito de “promover a igualdade racial e para eliminar formas de discriminação e opressão, tanto individual como institucional” (TROYNA e CARRINGTON, 1990, p. 1 *apud* FERREIRA, 2017, p. 15).

Na última aula, propus um trabalho aos alunos. Estes deveriam criar cartazes em combate ao racismo, utilizando imagens, levando em consideração o que foi discutido nas aulas anteriores. Assim, no dia da apresentação dos trabalhos, as respostas para a pergunta: “É possível trabalhar temas relacionados ao racismo em aulas de inglês?” foram bem semelhantes. Uma das respostas mais interessantes foi que é possível trabalhar em aulas de inglês, mas deve ser trabalhado também em todas as outras matérias, a partir do ensino infantil, pois é um assunto de grande importância, o que nos faz perceber que os alunos

sentem a necessidade de tratar sobre essas questões na escola e não apenas em um dia comemorativo, como “dia da consciência negra”, mas diariamente.

Outro fato interessante neste dia foi a exposição da aluna Daniela ao falar sobre sua experiência pessoal com o racismo. Ela é uma mulher negra com cabelo alisado, que sofre com preconceito racial em sua própria família, em que seu tio não a aceita porque ela é negra, o que a fez ser excluída e isolada quando criança, pois os pais das outras crianças não as deixavam brincar com ela e comentários como “volte pra senzala” e apelidos como “macaca” foram muito utilizados para se referir a ela. É válido ressaltar que ao contar essa experiência ruim, Daniela tentou falar em terceira pessoa, pois estava com vergonha dos outros alunos saberem o que ela sofreu na infância e ainda sofre hoje em sua família e possivelmente em outros ambientes. Experiência semelhante à dela foi a de Ame, uma professora branca citada na narrativa de Ferreira (2017), porém, de outro ponto de vista – ela não sofria preconceito, apenas via seus parentes próximos sendo preconceituosos –, mostrando, assim, que a família é um ambiente em que ideias e comportamentos são ensinados e aprendidos. É válido destacar a cor da professora, pois a maioria dos professores (as) de inglês no Brasil são brancos (as), como afirma Nascimento (2019b) em sua narrativa autobiográfica sobre professores de inglês negros no Brasil, mais especificamente na Bahia, um estado de maioria negra, mas que em sua pesquisa ele pôde ver que das professoras pesquisadas, os discursos foram muito parecidos, nas posições que elas ocupavam; eram as únicas professoras de inglês negras, o que nos remete a toda a trajetória do negro e do inglês, língua tão privilegiada e de posse de brancos, primordialmente.

Por fim, foi feito um debate sobre a percepção dos alunos acerca do racismo em filmes, séries e novelas e a possibilidade de combatê-lo. O aluno Pedro bem revoltado com a falta de representatividade de negros em posições como jornalistas, ator com papel principal e outras profissões, disse que não assiste jornais por esse motivo e ainda acrescentou que “não é possível combater o racismo porque enquanto uma pessoa aprende a respeitar o outro, cinco pessoas passam a praticá-lo [o racismo]”. Ao ouvirem e refletirem sobre o que acabaram de ouvir e o que tínhamos debatido, chegamos à conclusão de que é aos poucos que conseguiremos mostrar às pessoas a importância do respeito ao outro e que a educação é uma ferramenta de extrema importância nessa iniciativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo discutir possibilidades de inserção do letramento racial em aulas de língua inglesa. Para isso, utilizei o gênero propaganda para trabalhar as imagens veiculadas e perceber as reações dos alunos em relação a elas. Os autores mais utilizados para embasar essa pesquisa foram Mizan (2007, 2014, 2018); Ferraz (2012) e Ferreira (2017, 2018) para trabalhar questões relacionadas à raça e etnia. Muitos outros autores foram importantes para a construção desse trabalho e suas ideias fizeram com o que o tema aqui discutido “representação do negro e o letramento racial” tivesse embasamento e relevância.

Entendo o assunto desenvolvido nesse artigo como de suma importância para a sociedade brasileira, pois para vivermos em um mundo mais justo e igualitário, precisamos entender que o outro não é superior, nem inferior, mas diferente e que essa diferença nos torna únicos. É certo que trabalhar letramento racial não é uma tarefa rápida e fácil, mas para que as pessoas saibam disso, essa temática tem que ser discutida no âmbito escolar em todas as disciplinas e, principalmente em língua inglesa para tentar desconstruir a ideia de que se tem de aprender uma língua apenas para fins de trabalho ou lazer, pois aprender uma língua estrangeira é conhecer uma nova cultura, refletir sobre o outro e ampliar a visão, lembrando que a língua, assim como a imagem não é neutra e sim, construída.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO DE SOUZA, Marlene de Almeida. Formação de professores de inglês: buscando caminhos para uma educação linguística crítica. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MONTE MÓR, Walkyria. (Orgs.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras (es) universitárias(os) de inglês**. 1 ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 163-186.

ALMEIDA, Neide A. de. **Letramento racial: um desafio para todos nós**. 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-de-almeida/>>. Acesso em: 24 de ago. 2019.

Alvejante Chlorinol. Disponível em: <<https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/08/alvejante-chlorinol-racismo-1890.html>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

COTRIM, Andrea; FERRAZ, Daniel. Representações violentas do outro no cinema: perspectivas étnicas e educacionais no espaço imagético. **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 21, n. 29, p. 43-67, Jan-Jul., 2014.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Identidades sociais de raça em estudos da linguagem: com atividades reflexivas**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2017.

_____. Educação linguística crítica e identidades sociais de raça. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MONTE MÓR, Walkyria. (Orgs.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil:** trajetórias e práticas de professoras (es) universitárias(os) de inglês. 1 ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 41-48.

FERRAZ, Daniel Melo. **Letramento visual:** A leitura de imagens nas aulas de inglês. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MELO, Glenda Cristina Valim de. Anúncios de comercialização de escravos nos séculos XIX e XXI: Trajetória textual, entextualizações e ordens indexicais. In: SZUNDY, Paula Tatiane Carréra; TILIO, Rogério; MELO, Glenda Cristina Valim de. (Orgs.). **Inovações e desafios epistemológicos em linguística aplicada:** perspectivas sul-americanas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 229-259.

MERCADO LIVRE. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/empresa/mercado-livre/>>. Acesso em: 12 fev. 2020.

MIZAN, Souza. Visual representations of September 11th and America's friends and enemies on CNN. **TODAS AS LETRAS J**, volume 9, n.1, 2007.

_____. Letramento Visual na mídia. In: TAKAKI, Nara Hiroko; MACIEL, Ruberval Franco. **Letramentos em Terra de Paulo Freire.** 2^a ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 271-282.

_____. A linguagem visual e suas contribuições nas perspectivas críticas de educação linguística. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MONTE MÓR, Walkyria. (Orgs.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil:** trajetórias e práticas de professoras (es) universitárias(os) de inglês. 1 ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 225-240.

_____. Entre a semelhança e a dessemelhança: (in) visibilidades e agência nas mídias. In FERRAZ, Daniel de Mello, KAWACHI-FURLAN, Claudia Jotto- organizadores. **Bate-papo com educadores linguísticos:** letramentos, formação docente e visibilidade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 268.

NASCIMENTO, Gabriel. Raça e resistência ao racismo em atividades de Língua Inglesa no sul da Bahia. **Revista X.** Curitiba. Volume 14, n. 3, p. 121-137, 2019a.

_____. Racism in English Language Teaching? Autobiographical Narratives of Black English Language Teachers in Brazil. **Rev. Bras. Linguíst. Apl.**, v. 19, n. 4, p. 959-984, 2019b.

OLIVEIRA, Talita. Negro dizeres, negros movimentos: Identidade, racismo e interseccionalidade em narrativas de mulheres negras. In: SZUNDY, Paula Tatiane Carréra; TILIO, Rogério; MELO, Glenda Cristina Valim de. (Orgs.). **Inovações e desafios epistemológicos em linguística aplicada:** perspectivas sul-americanas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 201- 228.

PACHECO DE SOUZA, Diana. A natureza das questões de leitura em livro didático de inglês sob a ótica do letramento crítico. **Papéis - Revista do programa de pós-graduação em estudos de linguagens - UFMS**. Campo Grande. Vol. 23. n° 45. 2019, p. 2019-235.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PEARS'SOAP. Disponível em: https://miro.medium.com/max/600/1*atvO97WpxnXiFzvf2RYOTg.jpeg. Acesso em: 10 ago. 2019.

Propaganda Dove. Disponível em: <http://www.lumosjuridico.com.br/2017/10/18/dove-e-acusada-de-racismo-em-campanha/>. Acesso em: 14 ago. 2019.

Prouni. Disponível em: https://f.i.uol.com.br/fotografia/2019/06/14/15605490945d0416e6df49a_1560549094_3x2_xl.jpg. Acesso em: 12 ago. 2019.

TELLES, João Antônio. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Linguagem & Ensino**. Vol. 5, N° 2, p. 91-116, 2002.